

Pesquisa em Ciências Sociais

Prof. Dr. Jean-François Y. Deluchey

Slavoj ŽIŽEK : A subjetividade por vir. Ensaios críticos sobre a voz obscena, 2004 :

“o pensamento nunca chega à luz do dia espontaneamente, *per se*, na imanência dos seus princípios; o que nos incita a pensar é sempre um encontro traumático, violento, com um real exterior que se nos impõe brutalmente, pondo em causa as nossas maneiras habituais de pensar. Um pensamento verdadeiro, enquanto tal, é sempre descentrado: não pensamos espontaneamente, somos forçados a pensar” (p. 11).

Exercício introdutório...

1. O que é Pesquisa Social?

Pesquisa Social: processo que, utilizando a metodologia científica, permite a obtenção de novos conhecimentos no campo da realidade social.

Existem pesquisas:

- *Exploratórias*: proporcionar visão geral, de tipo aproximativo, acerca de determinado fato. Primeira etapa de uma investigação mais ampla. O produto final deste processo passa a ser um problema mais esclarecido, passível de investigação mediante procedimentos mais sistematizados.
- *Descritivas*: descrever as características de determinada população ou fenômeno ou o estabelecimento de relações entre variáveis. Uma de suas características mais significativas está na utilização de técnicas padronizadas de coleta de dados. São as pesquisas mais solicitadas pelas instituições.
- *Explicativas*: identificar os fatores que determinam ou que contribuem para a ocorrência dos fenômenos. Este é o tipo de pesquisa que mais aprofunda o conhecimento da realidade, porque explica a razão, o porquê das coisas. Por isso mesmo é o tipo mais complexo e delicado, já que o risco de cometer erros aumenta consideravelmente.

Dicionário AURÉLIO: **Epistemologia**: Conjunto de conhecimentos que têm por objeto o conhecimento científico, visando a explicar os seus condicionamentos (sejam eles técnicos, históricos, ou sociais, sejam lógicos, matemáticos, ou linguísticos), sistematizar as suas relações, esclarecer os seus vínculos, e avaliar os seus resultados e aplicações.

Metodologia: 1. A arte de dirigir o espírito na investigação da verdade. 2. (Filos.) Estudo dos métodos e, especialmente, dos métodos das ciências.

O Direito é uma ciência social aplicada ao campo jurídico. Portanto, os juristas devem usar as ferramentas das ciências sociais para complementar as técnicas próprias da área jurídica.

CITAÇÕES

Pierre Bourdieu / Jean-Claude Chamboredon / Jean-Claude Passeron: *Ofício de Sociólogo. Metodologia da pesquisa na sociologia*, 1968:

- Citação do Auguste Comte (*Curso de Filosofia Positiva*, 1830): “chegar à formação de um bom sistema de hábitos intelectuais; aliás, esse é o objetivo essencial do método” (p. 9).

2. A busca da objetividade

A primeira regra do método sociológico segundo Émile Durkheim é “tratar os fenômenos sociais como coisas”. Como é impossível ele se extrair completamente da sociedade na qual nasce e/ou vive, o pesquisador tem de realizar um esforço prévio à pesquisa: analisar os seus próprios julgamentos de valores a respeito dos objetos da pesquisa; isto é, identificar e isolar os preconceitos enraizados em nós enquanto seres sociais. Max Weber preconiza que o cientista social realize uma análise da sua própria relação aos valores presentes na pesquisa. Somente lutando contra estes preconceitos podemos dizer que fazemos ciências sociais e não “sociologia espontânea”, como falava Pierre Bourdieu. Por isso, conclusões apressadas, demonstração de prenoções ou mesmo “dar a sua opinião” não fazem parte do processo científico. Cada fato tem de ser analisado, ponderado, contextualizado, extraído de uma leitura cultural e ideológica para se aproximar de uma leitura universal e objetiva.

Não existe “a verdade”, mas na realidade, podemos tentar nos aproximar dela através da análise e da “desconstrução” das diversas interpretações da verdade que podemos observar.

CITAÇÕES

Gaston Bachelard : *A formação do espírito científico*, 1938:

- “Diante do real, aquilo que cremos saber com clareza ofusca o que deveríamos saber. Quando o espírito se apresenta à cultura científica, nunca é jovem. Aliás, é bem velho porque tem a idade de seus preconceitos [...]. A opinião pensa mal; não pensa: traduz necessidades em conhecimentos. Ao designar os objetos pela utilidade, ela se impede de conhecê-los [...]. Não basta, por exemplo, corrigi-la em determinados pontos, mantendo, como uma espécie de moral provisória, um conhecimento vulgar provisório. O espírito científico proíbe que tenhamos uma opinião sobre questões que não compreendemos, sobre questões que não sabemos formular com clareza” (p. 18).

Gaston Bachelard : *O racionalismo aplicado*, 1949:

Bachelard falava de vigilância ao cubo “(vigilância)³”.

- “Sob sua forma mais simples, a vigilância intelectual é a expectativa de um fato definido, a localização de um acontecimento caracterizado. [...] A vigilância refere-se a um objeto mais ou menos bem designado, mas que, pelo menos, se beneficia de um tipo de designação. [...] A vigilância é, portanto, consciência de um sujeito que tem um objeto [...]. Nessa perspectiva, um fato é um fato, nada mais que um fato. A tomada de consciência respeita a contingência dos fatos. A função de vigilância de vigilância só pode aparecer depois de um “discurso sobre o método” [...]. (p. 92-95).

Pierre Bourdieu / Jean-Claude Chamboredon / Jean-Claude Passeron: *Ofício de Sociólogo. Metodologia da pesquisa na sociologia*, 1968:

- “é necessário submeter as operações da prática sociológica à polêmica da razão epistemológica para definir e, se possível, inculcar uma atitude de vigilância que encontre no conhecimento adequado do erro e dos mecanismos capazes de engendrá-lo um dos meios de superá-lo” (p. 11).

3. As etapas da Pesquisa em Ciências Sociais

Todos os “metodólogos” propõem etapas diversas para designar cada passo do caminho epistemológico. Eu proponho 07 etapas, geralmente divididas em 03 momentos (mas não necessariamente desenvolvidas de forma sequencial):

- I. A RUPTURA
 - 1. a pergunta inicial de pesquisa (formulação do problema)
 - 2. a exploração (leituras, entrevistas exploratórias)
 - 3. a problemática

- II. A CONSTRUÇÃO
 - 4. a construção do modelo de análise (operacionalização das variáveis)

- III. A CONSTATAÇÃO (ou racionalismo aplicado)
 - 5. a observação (coleta dos dados)
 - 6. a análise das informações
 - 7. as conclusões

CITAÇÕES

Pierre Bourdieu / Jean-Claude Chamboredon / Jean-Claude Passeron: *Ofício de Sociólogo. Metodologia da pesquisa na sociologia*, 1968:

- “a questão da filiação de uma pesquisa sociológica a uma teoria particular do social – por exemplo, a de Marx, Weber ou Durkheim – é sempre secundária em relação à questão de saber se tal pesquisa tem a ver com a ciência sociológica” (p. 13).

- “a comunidade sociológica tende, atualmente, a esquecer a hierarquia epistemológica dos atos científicos que subordina a constatação à construção e a construção à ruptura”. (p. 22)

I. A RUPTURA: CONQUISTA E “DESCONSTRUÇÃO” DO OBJETO

CITAÇÕES

Pierre Bourdieu / Jean-Claude Chamboredon / Jean-Claude Passeron: *Ofício de Sociólogo. Metodologia da pesquisa na sociologia*, 1968:

- “O sociólogo nunca conseguirá acabar com a sociologia espontânea e deve se impor uma polêmica incessante contra as evidências ofuscantes que proporcionam, sem grandes esforços, a ilusão do saber imediato e de sua riqueza insuperável” (p. 23).

- “a influência das noções comuns é tão forte que todas as técnicas de objetivação devem ser utilizadas para realizar efetivamente uma ruptura que, na maior parte das vezes, é mais professada do que concretizada” (p. 24).

- “Ao exigir do sociólogo que penetre no mundo social como em um mundo desconhecido, Durkheim reconhece a Marx o mérito de ter rompido com a ilusão da transparência: *“Julgamos ser fecunda a ideia de que a vida social deve ser explicada, não pela concepção que têm a seu respeito os que participam nela, mas por causas profundas que escapam à consciência”*” (p. 26).

- “O estudo do emprego lógico de uma palavra, escreve Wittgenstein, permite-nos escapar à influência de certas expressões típicas [...]. Essas análises procuram desviar-nos das opiniões preconcebidas que nos impelem a acreditar que os fatos devem estar de acordo com determinadas imagens que florescem em nossa linguagem” [...]. A linguagem sociológica que, até mesmo em suas utilizações mais controladas, recorre sempre a palavras do léxico comum tomado em uma acepção rigorosa e sistemática e que, por esse fato, se torna equívoca desde que deixa de se dirigir unicamente aos especialistas, presta-se, mais do que qualquer outra, a utilizações fraudulentas” (p. 32-37).

- “pelo fato de que a fronteira entre os saberes comuns e a ciência é, em sociologia, mais imprecisa do que em outros campos, impõe-se, com uma urgência particular, a necessidade da ruptura epistemológica” (p. 87).

- “ao se ignorar como sujeito culto de uma cultura particular e ao não subordinar toda a sua prática a um questionamento contínuo em relação a esse enraizamento, o sociólogo (mais do que o etnólogo) é vulnerável à ilusão da evidência imediata ou à tentação de universalizar, inconscientemente, uma experiência singular” (p. 91).

- “Entre todos os pressupostos culturais que o pesquisador corre o risco de aplicar em suas interpretações, o *ethos* de classe, princípio a partir do qual se organizou a aquisição dos outros modelos inconscientes, exerce uma ação da forma mais larvar e mais sistemática. [...] o sociólogo que não fizer a sociologia da relação à sociedade característica de sua classe social de origem correrá o risco de reintroduzir, em sua relação científica ao objeto, os pressupostos inconscientes de sua experiência primeira do social ou, mais sutilmente, as racionalizações que permitem a uma intelectual reinterpretar sua experiência segundo uma lógica que deve sempre alguma coisa à posição que ele ocupa no campo intelectual” (p. 92) [Dicionário Aurélio: *etos* ou *ethos*: “aquilo que é característico e predominante nas atitudes e sentimentos dos indivíduos de um povo, grupo ou comunidade, e que marca suas realizações ou manifestações culturais”].

1. A PERGUNTA (INICIAL) DE PESQUISA

Expressar o seu projeto de pesquisa na forma de uma pergunta é um método reconhecidamente eficaz. Constitui uma espécie de fio condutor para o trabalho do pesquisador, ajudando ele a ter melhor consciência do seu objetivo na pesquisa, a encontrar mais facilmente o caminho das pedras e, afinal, não se perder nos meandros das inúmeras possibilidades ofertadas a ele durante tão peculiar empreitada.

Essa pergunta não é definitiva. Ela deve estar considerada como um marco, um referencial constante ao longo do caminho epistemológico. Após cada nova etapa, e sempre que necessário, essa pergunta inicial deverá ser melhorada. Com o tempo, ela ficará mais precisa e mais adequada aos recursos disponíveis para a realização de sua pesquisa. Ela representará um norte para a pesquisa, permitindo ao pesquisador não se afastar muito dos trilhos metodológicos que ele deve seguir durante o seu percurso. Com uma boa pergunta de pesquisa, o pesquisador sempre terá bem claro qual o objetivo da pesquisa que ele está desenvolvendo.

Quais os critérios para redigir uma boa pergunta de pesquisa em Ciências Sociais?

Esta deve:

- ✓ **ser precisa** (não vaga, nem longa demais). Exemplo de pergunta vaga: Como funcionam as políticas sociais no Estado do Pará?;
- ✓ **ser clara** (o significado dos termos e conceitos não pode abrir caminho a diversas interpretações). Exemplo ruim: Quais são as diferenças culturais entre a família de tipo latino-americano e a família de tipo árabe?;
- ✓ **ser realizável** (adequada aos recursos humanos, materiais, técnicos e até financeiros da pesquisa). Exemplo de pergunta de pesquisa irrealizável: De que forma se ensina o serviço social na Ásia, na África e na América Latina? ;
- ✓ **ser pertinente** (não moralizadora nem “filosófica”). Exemplo de pergunta filosófica: “A pena de morte é socialmente justa?”. Exemplo de pergunta moralizadora: “De que forma reeducar os presos?”;
- ✓ **ser uma verdadeira pergunta** de pesquisa (aberta a várias respostas diferentes). Não pode ser afirmativa. Exemplo de falsa pergunta de pesquisa: “Os partidos de extrema-direita veiculam um discurso xenofóbico?”. Quem faz esse tipo de pergunta já sabe ou imagina a resposta, o que dificulta o trabalho de desconstrução do objeto de pesquisa.
- ✓ propor uma **análise sobre algo que existe** e que já funciona ou funcionou. A pergunta não pode ser profética, prevendo o que não existe e, talvez, nunca existirá. Exemplo de pergunta profética: “Qual será a política externa do próximo presidente do Brasil?” ou “Como a futura implantação de um CRAS no bairro do Barreiro contribuirá para a redução dos índices de criminalidade do bairro?”;
- ✓ tentar propor uma **verdadeira análise**. Por isso, ela deve evitar ser uma pergunta meramente descritiva. Exemplo de pergunta descritiva: “Quais os benefícios sociais ofertados pelo CRAS de Ananindeua?”.

A pergunta inicial de pesquisa, para ser válida, tem de passar por todos esses filtros.

Na construção da pergunta inicial de pesquisa, temos que diferenciar o que seria um “**enunciado de fato**” com um “**enunciado normativo**”. O “enunciado de fato” é uma afirmação relativa a o que é, e essa afirmação pode ser confirmada ou refutada pela pesquisa. Por sua vez, o “enunciado normativo” é uma afirmação relativa a o que deveria ser. Ela contém uma avaliação ou um postulado (isto é, um enunciado sobre a maneira segundo a qual acreditamos que o mundo funcione) e abre espaço ao preconceito.

Exemplos:

Enunciados de fato:

- A dívida pública do Canadá é mais alta do que dos Estados Unidos.
- A democracia moderna fundamenta-se no princípio de sufrágio universal.

Enunciados normativos:

- Com a queda do muro de Berlim, a Europa do leste ganhou a liberdade.
- A democracia é o melhor regime político.

O método científico tem o dever de neutralidade. Portanto, deve se fundamentar em enunciados de fato.

Também, insistimos, a pergunta não pode ser profética ou metafísica. Ela não pode propor a análise de um fenômeno futuro que não existe. Ela tem também de ser realizável e precisa.

Exemplo de pergunta profética: Qual será a política externa do próximo presidente do Brasil em relação aos Estados Unidos?

Exemplo de pergunta metafísica: Quais conseqüências a redução da maioria penal poderia ter na sociedade brasileira?

Exemplo de boas perguntas: Quais são os principais termos de negociação entre o Brasil e os Estados Unidos no que se refere à liberalização do comércio de matérias primas? Quais são os principais elementos de debate referentes à redução da maioria penal no Congresso Brasileiro?

Lembrete: a pergunta inicial tem como função dar um norte para o pesquisador, desenhar os trilhos do processo de pesquisa. Ela será sempre modificada e melhorada, nas etapas seguintes, levando em consideração os recursos disponíveis para pesquisa e os avanços da própria pesquisa.

2. A EXPLORAÇÃO

A segunda etapa consiste em realizar algumas leituras e entrevistas exploratórias para consolidar o conhecimento do pesquisador e realizar um primeiro teste da proposta de pesquisa traduzida na pergunta inicial de pesquisa. Nesta etapa, você pode começar em identificar os temas bibliográficos relativos à pesquisa (teoria das relações internacionais, políticas de educação, medição da pobreza, violência contra mulher, teoria das políticas públicas, teoria do federalismo, etc...).

Também poderá realizar entrevistas, para testar a qualidade da pergunta inicial, com o público-alvo da pesquisa (meninos de rua, mulheres vitimizadas, agentes de fiscalização ambiental, etc.) e/ou com “pessoas-recursos” para a sua pesquisa (funcionária do Centro “Maria do Pará”, pesquisador que já trabalhou sobre o tema). Geralmente, essas entrevistas exploratórias são livres e não têm roteiros específicos. Caso uma “pessoa-recurso” se revele interessante para outras etapas da pesquisa, você poderá voltar a realizar com ela outra entrevista, certamente mais dirigida, procurando registrar respostas dos atores sociais referentes às principais perguntas e hipóteses desenvolvidas na pesquisa. No caso do “público-alvo”, não é recomendado voltar a fazer outra entrevista com essa pessoa, porque este primeiro contato já contribuiu para *mudar* a pessoa entrevistada em relação a sua pesquisa, o que traz o risco de distorcer as respostas na segunda entrevista. No caso da “pessoa-recurso”, esse risco é mínimo, já que essa pessoa já sabia, desde a entrevista exploratória, que ela representava uma fonte de informações privilegiada para a sua pesquisa e que, geralmente, a pesquisa faz questionamentos que ela está acostumada a tratar no seu campo particular de intervenção social.

3. A PROBLEMÁTICA

3.1 Construção da problemática:

Nesta etapa, o pesquisador, que acabou de passar por uma imersão longa numa bibliografia complexa, e várias entrevistas exploratórias, vai tentar se distanciar um pouco das informações que ele reuniu na etapa da exploração. Esta etapa se divide em três momentos:

- a. Primeiro, *identificar e se familiarizar com os diversos pontos de vista ou abordagens dos autores* que redigiram sobre o seu tema ou temas conexos e reunir eles em diversas categorias;
- b. Segundo, *construir uma problemática*: seja concebendo uma nova abordagem do objeto de pesquisa (reformulando a pergunta inicial de pesquisa e emitindo hipóteses), seja aderindo a uma corrente de pensamento ou de abordagem identificada no primeiro momento. Na realidade, construir uma problemática consiste em definir com precisão o objeto de pesquisa e, ao mesmo tempo, escolher o seu modo de abordagem do objeto (prisma, olhar diferenciado sobre o objeto);

- c. Finalmente, você tem de explicitar a problemática na qual você vai desenvolver a sua pesquisa. O pesquisador deve definir com precisão a sua maneira particular de apresentar o problema e de encontrar as respostas adequadas. Assim, terá que apresentar os conceitos e o quadro teórico de referência da sua pesquisa.

Essa etapa serve para construir hipóteses (não preconceitos!!) a partir das quais o pesquisador construirá o seu modelo de análise.

3.2 As hipóteses

A hipótese é uma proposta, um enunciado de fato que antecipa uma relação entre dois objetos ou conceitos. A hipótese será válida a partir do momento em que ela é *verificável* através da observação.

A hipótese pode relacionar um fenômeno e um conceito, como pode também relacionar dois fenômenos.

O maior problema dos pesquisadores iniciantes é confundir hipótese com prenoção; por exemplo, quando se relaciona diretamente a taxa de criminalidade e a taxa de imigração ou com pobreza.

A hipótese tem de ser submetida ao exame dos fatos (seja confirmando-a ou refutando-a), através do modelo de análise construído pelo pesquisador.

II. A CONSTRUÇÃO

CITAÇÕES

Pierre Bourdieu / Jean-Claude Chamboredon / Jean-Claude Passeron: *Ofício de Sociólogo. Metodologia da pesquisa na sociologia*, 1968:

- “em sociologia, os “dados”, até mesmo os mais objetivos, são obtidos pela aplicação de grades (faixas etárias, de remuneração, etc.) que implicam pressupostos teóricos e, por este motivo, deixam escapar uma informação que poderia ter sido apreendida por outra construção dos fatos” (p. 49-50).

- “A maldição das ciências humanas, talvez, seja o fato de abordarem um *objeto* que fala. Com efeito, quando o sociólogo pretende tirar dos fatos a problemática e os conceitos teóricos que lhe permitam construir e analisar tais fatos, corre sempre o risco de se limitar ao que é afirmado por seus informadores. Não basta que o sociólogo esteja à escuta dos sujeitos, faça a gravação fiel das informações e razões fornecidas por estes, para justificar a conduta deles e, até mesmo, as razões que propõe: ao proceder dessa forma, corre o risco de substituir pura e simplesmente suas próprias prenoções pelas prenoções dos que ele estuda, ou por um misto falsamente erudito e falsamente objetivo da sociologia espontânea do “cientista” e da sociologia espontânea de seu objeto” (p. 50).

- “A medida e os instrumentos de medição, e, de forma geral, todas as operações da prática sociológica, desde a elaboração dos questionários e a codificação até a análise estatística, constituem outras tantas teorias em ato, enquanto procedimentos de construção, conscientes ou inconscientes, dos atos e das relações entre os mesmos. [Para] não levar a estatística a dizer uma coisa diferente do que ela diz, é necessário nos perguntar, em cada caso, o que ela diz e pode dizer, dentro de quais limites e sob quais condições” (p. 53-54).

- “Da mesma forma que não existe gravação perfeitamente neutra, assim também não há perguntas neutras. O sociólogo que não submete suas próprias interrogações à interrogação

sociológica não estaria em condições de fazer uma análise sociológica verdadeiramente neutra das respostas que elas suscitam. Por exemplo, uma pergunta tão unívoca na aparência como esta: “Você trabalhou hoje?” A análise estatística mostra que ela suscita respostas diferentes por parte dos camponeses da Cabília ou dos camponeses do sul da Argélia [...]. É com a condição de que ele se interrogue sobre o sentido de sua própria pergunta, em vez de tirar a conclusão precipitada de que as respostas são absurdas ou dadas de má fé, que o sociólogo terá algumas possibilidades de descobrir que a definição do trabalho que está implícita em sua pergunta não corresponde à definição que as duas categorias de sujeitos implicam em suas respostas” (p. 55-56).

4. A CONSTRUÇÃO DO MODELO DE ANÁLISE OU OPERACIONALIZAÇÃO DAS VARIÁVEIS (construção não sequencial)

a) A escolha e definição dos conceitos ou “termos de referência”

O que é um conceito: um conceito é uma abstração (uma palavra, um grupo de palavras ou um símbolo) que representa uma idéia. É uma ferramenta que permite ao pesquisador organizar a realidade e servir de guia para sua pesquisa.

Antes de iniciar uma pesquisa, o pesquisador deve saber exatamente de que ele está falando ou querendo falar. A definição dos termos de referência de sua pesquisa, sejam eles conceitos ou fenômenos sociais, tem de ser o primeiro exercício de construção da problemática de pesquisa.

Exemplo: a definição de “família” ou “trabalho” não é coisa dada como certa. Caso quiserem trabalhar sobre a família ou o trabalho, terão de estabelecer qual a definição da família ou do trabalho que vocês vão adotar e trabalhar.

Às vezes, a discussão acerca da definição de um termo de referência é justamente parte da pesquisa projetada. Neste caso, a discussão acerca da definição do termo de referência entra no processo de análise, em relação ao qual os diversos universos possíveis tem de ser identificados o mais cedo possível.

b) O modelo teórico

Um modelo é uma representação simplificada do mundo. Utilizamos o modelo para melhor entender a realidade. A realidade é complexa demais para ser descoberta de uma vez só. Nessas condições, temos que recortá-la, estudá-la parcela por parcela. A construção do modelo teórico significa uma seleção do real; logo aparece o problema da qualidade dessa seleção.

Corresponde à escolha das categorias que serão usadas durante a pesquisa, à “*aplicação de grades que implicam pressupostos teóricos*”. A realidade não pode ser observada sem estabelecer de antemão um modelo teórico de explicação do real.

Na realidade, esta etapa serve para construir uma *grade de entendimento dos fatos sociais*, um *prisma* através do qual os fatos serão observados e analisados. A partir da construção do modelo teórico, vamos poder processar os dados levantados e determinar a validade das observações realizadas em relação ao objeto de pesquisa.

A etapa da construção do modelo de análise é imprescindível para o pesquisador afastar-se das prenoções e a pesquisa ganhar em objetividade, libertando-se da “sociologia espontânea” para integrar o campo das pesquisas de ciências sociais.

Exercício...

III. A CONSTATAÇÃO / O RACIONALISMO APLICADO

CITAÇÕES

Pierre Bourdieu / Jean-Claude Chamboredon / Jean-Claude Passeron: *Ofício de Sociólogo. Metodologia da pesquisa na sociologia*, 1968:

- “O fato é conquistado, construído, constatado: [...] a representação mais corrente dos procedimentos da pesquisa como o ciclo de fases sucessivas (observação, hipótese, experimentação, teoria, observação, etc.) possa ter uma utilidade pedagógica [...] continua sendo duplamente enganosa. [Desta forma], só imperfeitamente é que chega a restituir o desenrolar real das operações já que, na realidade, é todo o ciclo que está presente em cada uma delas; no entanto, mais profundamente, tal representação deixa escapar a ordem lógica dos atos epistemológicos – ruptura, construção, prova dos fatos – que nunca fica reduzida à ordem cronológica das operações concretas da pesquisa” (p. 73).
Notar: ruptura equivale à conquista do objeto, a construção a ela mesma, e a prova dos fatos equivale à observação ou constatação.

- “a intuição pode receber uma função científica quando controlada, sugere hipóteses e chega a contribuir para o controle epistemológico das outras operações” (p. 74).

- “É, antes de tudo, pela inversão da relação entre teoria e experiência que o racionalismo aplicado rompe com a epistemologia espontânea. A mais elementar das operações, ou seja, a observação, descrita pelo positivismo como uma gravação tanto mais fiel por implicar menos pressupostos teóricos, é tanto mais científica quanto mais conscientes e mais sistemáticos forem os princípios teóricos de que se serve” (p. 75).

- “O que é válido para a observação vale também para a experimentação [...]. Qualquer experimentação, como já vimos, implica determinados princípios ou pressupostos teóricos”. Segundo Max Planck (*L’image du monde dans la physique moderne*, 1963 : 38): “antes de efetuar a experiência, deve-se pensar nela, isto é, formular a pergunta que se pretende dirigir à natureza e, antes de tirar a conclusão da medida, deve-se interpretá-la, isto é, compreender a resposta da natureza. Compete ao teórico efetuar essas duas tarefas” (p. 76-77).

- “Todo operação, por mais parcial que seja, implica sempre a dialética entre teoria e verificação. Por exemplo, no momento da elaboração de um código, as hipóteses implicadas pelo questionário devem ser retomadas, especificadas e modificadas em contato com os fatos que se pretende analisar, para serem submetidas à prova experimental da codificação e da análise estatística: a fórmula tecnológica segundo a qual o código deve ser “fixado” ao mesmo tempo que o questionário (correndo o risco de reduzir o que é digno de ser codificado ao que é codificável, isto é, muitas vezes, pré-codificável), contém implicitamente uma epistemologia fixista já que leva a fazer desaparecer uma das ocasiões de ajustar aos dados as categorias de apreensão dos mesmos” (p. 79).

- “Contra a epistemologia espontânea, na qual estão enraizados o positivismo e o intuicionismo e que confina toda a atividade intelectual na alternativa da audácia sem rigor ou do rigor sem audácia, o projeto propriamente científico se situa, de saída, em condições em que todo acréscimo de audácia nas ambições teóricas obriga a uma acréscimo de rigor no estabelecimento de provas às quais deve se submeter” (p. 86).

5. A OBSERVAÇÃO

A observação corresponde ao conjunto das operações de confrontação entre o modelo e os dados observáveis. Este etapa consiste em responder as 03 perguntas seguintes: observar o que? Sobre o que? Como?

Assim temos que decidir quais fenômenos observaremos, com objetivo de coletar dados pertinentes (observar o que?). Segundo, temos que delimitar o *campo* da análise empírica no tempo e no espaço, e escolher entre uma análise portado sobre toda a população ou somente sobre uma amostragem desta (sobre o que?). Finalmente, temos que decidir quais os instrumentos e ferramentas que nos ajudarão na observação (como?).

6. A ANÁLISE DAS INFORMAÇÕES

A fase da observação consiste em coletar dados e informações. Eles devem agora ser analisados para constatar se correspondem ou não ao que se previa no modelo teórico. Em outras palavras, o objetivo desta etapa é de verificar empiricamente as hipóteses.

Durante a observação, é possível que tenham sido descobertas outras relações, outros fatos não esperados. A análise das informações terá também como objetivo a interpretação desses novos elementos, para permitir a melhoria do modelo teórico, necessário para a qualidade científica das conclusões da pesquisa.

A análise das informações realiza-se em 03 momentos:

- a. a preparação dos dados: descrição das variáveis observadas e de sua classificação;
- b. a análise das relações entre as variáveis;
- c. a comparação dos resultados observados com os resultados esperados e a interpretação dessa diferença.

O caso da análise de discurso: quais as perguntas que se tem que fazer?

- a. Quem fala? Porque?
- b. Para quem fala? Porque?
- c. Quando fala? Porque?

Em cada tipo de pergunta, temos que procurar o sentido explícito bem como o sentido implícito do discurso formulado.

Podemos até acrescentar a seguinte pergunta para sempre ficar nos trilhos da vigilância epistemológica e completar a nossa ruptura com o objeto de pesquisa:

- d. Porque a gente está analisando este discurso em particular? Porque agora? Etc.
- e. Outros documentos poderiam ser utilizados, isto é, substituir este discurso para o mesmo efeito de análise, ou outros documentos e discursos poderiam ou deveriam ser analisados para complementar e/ou discutir o documento ou discursado analisado?

Exercício...

7. AS CONCLUSÕES DA PESQUISA

Muitos estudantes subestimam a importância das conclusões, quando é justamente na conclusão que aparece a capacidade de uma pessoa em sintetizar e criticar o seu próprio trabalho.

As conclusões devem se organizar da maneira seguinte:

- a. lembrar brevemente os procedimentos seguidos na pesquisa;
- b. apresentar os principais conhecimentos produzidos e as novidades descobertas pelo processo de pesquisa;
- c. apresentar propostas, descrevendo os limites dos resultados alcançados com o objetivo de abrir novos horizontes de pesquisa.

4. Entrevistas e Questionários Vide GIL, 2009

Tipo de entrevista:

- Entrevista informal: Ela é a menos estruturada. O que se pretende com entrevistas deste tipo é a obtenção de uma visão geral do problema pesquisado. Ela é recomendada na etapa exploratória, e visa aumentar o conhecimento da realidade pesquisada pelo pesquisador. Corresponde a entrevistas informais com informantes-chaves, que podem ser especialistas no tema em estudo, líderes formais ou informais, personalidades destacadas, etc.
- Entrevista focalizada ou por pautas: neste tipo de entrevista um pouco mais estruturada, o pesquisador tem conversa bastante informal com entrevistado (geralmente informante-chave), mas não deixa a conversa “fluir” sem rumo; isto é, quando o entrevistado se desvia do tema da pesquisa, o entrevistador intervém, embora de maneira suficientemente sutil, para que o entrevistado não fuja do tema.
- Entrevista estruturada ou semi-estruturada: Esse tipo de entrevista desenvolve-se a partir de uma relação fixa de perguntas (entrevista estruturada), ou alternando perguntas fixas com pautas de conversa mais informal (entrevista semi-estruturada). A entrevista estruturada possibilita sobretudo a análise estatística dos dados, e a lista de perguntas que a compõe é freqüentemente chamada de questionário ou de formulário. A entrevista semi-estruturada serve particularmente com informantes-chaves. Nesta hipótese, você pode realizar com o mesmo informante (diretor do CRASS, funcionário da saúde, etc.) uma entrevista informal na fase exploratória, e uma entrevista semi-estrutura na fase da observação e coleta dos dados. Esta técnica permite tirar o maior proveito do informante-chave. Geralmente, esses tipos de entrevistas são realizados na modalidade “face-a-face”, isto é, entrevistando diretamente e pessoalmente o entrevistado. Mas existem também entrevistas realizadas por telefone, sobretudo usadas por pesquisas de opinião ou de marketing quando as perguntas são simples e quando a amostra da pesquisa é bastante numerosa. Não recomendo a entrevista por telefone para realizar pesquisas de ciências sociais, a não ser que seja impossível realizar a pesquisa com entrevistas “face-a-face”.

Condução da entrevista: Vide GIL, 2009, p. 115-120

1. Preparação do roteiro da entrevista;
2. Estabelecimento do contato inicial;
3. Formulação das perguntas;
4. Estímulo a respostas completas;
5. Manutenção do foco;
6. Atitude perante questões delicadas;
7. Registro das respostas;
8. Conclusão da entrevista.

Questionário: Vide GIL, 2009, p. 121-135

- Forma das perguntas;
- Conteúdo e escolha das questões;
- Formulação das perguntas;
- Número de perguntas;
- Ordem das perguntas;
- Prevenção de deformações;
- Construção de alternativas;
- Pré-teste do questionário.

Boas pesquisas...

Prof. Dr. Jean-François Y. Deluchey
Universidade Federal do Pará